

	1961
	Abril - Junho
	ANO IV
	N.º 19
Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA	

ARAUTO

EDITOR Dr. Tomás da Rosa	REDACTORES José Aica - António Soares	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO LICEU NACIONAL DA HORTA
-----------------------------	--	---

Historiôgrafos dos Descobrimentos



A Visita de Estudo ao Pico

Os Descobrimentos Portugueses constituíram um dos factos de primordial importância na mudança realizada à superfície da Terra em fins do século XV e início do Século XVI. É facto sabido que, devido em parte ao contrato entre diferentes regiões do Globo, contacto esse resultante das grandes viagens que então se efectuaram, pôde a Europa medieval evolucionar para a Europa moderna, de vida e actividades completamente novas. Por isso, não admira que o Período dos Descobrimentos seja um dos mais estudados e discutidos entre os Historiadores.

Ora nem sempre a sinceridade e a imparcialidade predominam no trabalho dos investigadores de velhos documentos. Deste modo, não nos devemos surpreender ao verificarmos que muitas têm sido as asserções falsamente baseadas com que vários historiadores estrangeiros têm pretendido menosprezar e até negar o valor dos Portugueses de Quinhentos.

Contra esses ataques insurgiu-se toda uma plêiade de Historiôgrafos Portugueses que, ao longo dos Sécs. XIX e XX têm conseguido, à custa de tenaz esforço, reduzir ao silêncio esses que, por motivos de ordem política e sectarista têm querido desconsiderar-nos internacionalmente.

A primeira grande figura

de Historiador que nos cumpre registar é a do Visconde de Santarém. Este homem pôde, à custa de toda uma vida de investigação, pulverizar a primeira das insidiosas campanhas lançadas contra Portugal.

No início do 3.º quartel do Século passado, alguns países europeus, interessados no continente africano,

(Conclui na pág. 2)

3.ª Sessão Cultural da M. P.

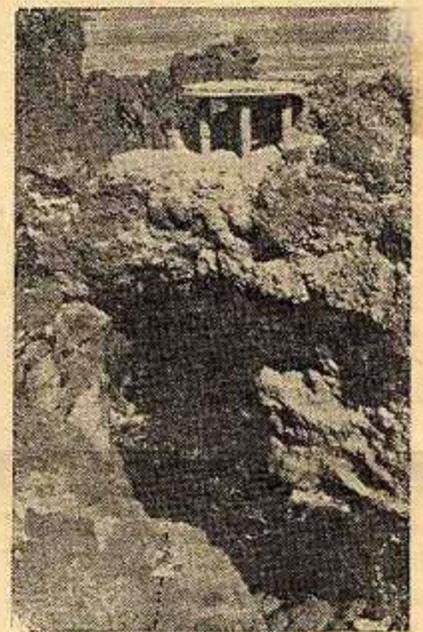
No mês de Abril, realizou-se a 3.ª sessão cultural da M. P. do Liceu, em que o filiado João Alvaro Leonardo Correia da Cunha, distinto aluno do 6.º Ano do nosso Liceu, leu um esclarecido trabalho da sua autoria subordinado ao tema «Historiôgrafos».

Presidiu a essa sessão o nosso Director de Centro e Editor do «Arauto», Sr. Dr. Tomás da Rosa, que, a propósito, fez algumas considerações sobre o assunto da palestra.

Os filiados da M. P. presentes, os do 2.º e 3.º Ciclo, aplaudiram calorosamente as palavras do seu colega.

O «Arauto», ao felicitar o Director do nosso Centro pela realização de mais esta sessão cultural, insere nas suas páginas o trabalho apresentado.

Havia já dois dias que o tempo estava um pouco indeciso; não chovia, mas um nevoeiro dava um aspecto acinzentado à atmosfera, o que nos punha com umas certas preocupações quanto à chuva. No entanto, no dia 30 de Abril, Domingo, às 7,30 horas, partimos. O mar no canal estava manso, o que nos levou a ter uma óptima travessia. Ao chegarmos à Madalena, tivemos a concretização do que nos havia sido comunicado cá na Horta—que ia haver um certo «trambolhão» no porto. Depois de eu e alguns colegas estarmos em cima do cais, vieram algumas vagas, que, saltando na popa da lancha, fizeram com que algumas senhoras dessem uns gritos angustiosos, e passassem os seus calafrios. Mas, tudo se fez e

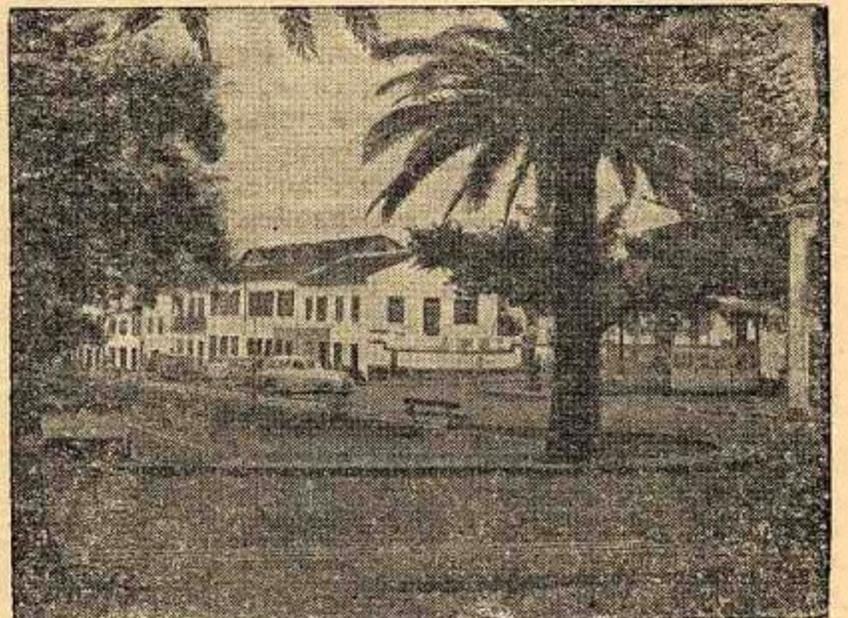


Arcos do Cachorro

desembarcámos todos.

Passados 20 minutos após o desembarque, já iam ao caminho da estrada longitudinal a fim de visitarmos a furna de «Frei

Continua na pág. 7



Aspecto interior da Madalena do Pico

Historiôgrafos dos Descobrimentos

(Conclusão da pág. 1)

pretenderam demonstrar que os Portugueses não tinham sido os exploradores da Costa Ocidental da África, visto, segundo afirmavam os seus cientistas, terem sido precedidos por Genoveses e Franceses. Baseavam-se esses cientistas na falta de elementos seguros que permitissem estabelecer a verdade sobre o facto.

Foi a tarefa de provar a verdade histórica da prioridade portuguesa na descoberta da Costa Africana que se dedicou o insigne Visconde de Santarém. E conseguiu-o, como o prova o facto de a companhia estrangeira ter mudado de objectivo, passando então a visar alvo mais vulnerável.

Uma vez provada a impossibilidade da sua primitiva tese, os historiadores estrangeiros passaram a afirmar que a Ciência Náutica de que os Portugueses se tinham servido nas suas viagens era obra de estrangeiros, os quais teriam, até, comandado expedições portuguesas. Pretendiam tirar-nos o mérito como marinheiros, afirmando ainda que a obra de D. João II não passava de um mito e que o primeiro dos grandes navegadores do Atlântico fora Cristóvão Colombo.

Da frustração desta segunda campanha se encarregaram dois portugueses de gema cujos nomes, como aliás o do Visconde de Santarém, merecem ser lembrados: Luciano Pereira da Silva e Joaquim Bensaúde.

O primeiro iniciou, sozinho, a grandiosa tarefa de provar a prioridade da ciência náutica portuguesa e, durante anos de intenso trabalho, realizou uma obra valiosíssima, que só depois veio a ser conhecida e a produzir os justos efeitos.

A certa altura da investigação de Luciano Pereira da Silva, juntou-se-lhe Joaquim Bensaúde, colaborador de valor reconhecido. Foram estes dois homens que pro-

varam definitivamente a originalidade da ciência náutica dos Portugueses.

Foi neste período que Steinschneider, com as suas obras monumentais, tornou conhecida a existência de numerosos documentos náuticos peninsulares em diversas bibliotecas europeias.

Graças a estes factores de acção conjunta, conseguiu-se descobrir que em 1484, se criara, como consequência da íntima actividade marítima, o Regimento do Astrolábio. Este, devido ao progressivo avanço no campo da ciência náutica e graças principalmente à grande experiência dos portugueses, foi sofrendo sucessivos aperfeiçoamentos, constituindo-se aquilo a que se chamou Evolução do Regimento do Astrolábio. Nesta evolução tiveram particular predominância os trabalhos de Pedro Nunes e D. João de Castro. Este último, deixou a ciência náutica Portuguesa num estado de aperfeiçoamento tal, que nos podemos orgulhar de termos sido dos povos mais sabedores e experientes nas coisas do mar.

Mas a Historiografia Portuguesa não se reduz às obras dos autores já indicados. A plíade a que atrás aludimos merece bem o nome, pois que é constituída por numerosos e distintos Historiadores e Investigadores.

Entre os discípulos de Luciano Pereira da Silva, merece especial relevo o Dr. António Barbosa que, tal como o Mestre, se dedicou ao estudo da ciência náutica portuguesa e deixou vasta bibliografia.

Podemos mencionar também como membro da Escola de Luciano Pereira da Silva, o Comandante Fontoura da Costa, cujos estudos sobre a ciência náutica portuguesa são dignos de realce.

Foram muito justamente apreciados os trabalhos do

Almirante João Brás de Oliveira sobre as embarcações empregadas pelos marinheiros do Infante.

Porém, o homem que verdadeiramente estabeleceu a verdade histórica sobre a arqueologia naval portuguesa e ainda sobre a navegação à vela, no Período Henriquino foi o Comandante Henrique Quirino da Fonseca. Na sua obra «Os Navios do Infante D. Henrique», Quirino demonstrou a originalidade da caravela latina, de vela triangular, e capaz de navegar contra o vento, processo a que se deu o nome de «arte de bolinar».

Outro aspecto da campanha internacional contra a actividade dos Portugueses no Ultramar, é o ataque aos sistemas económicos por nós empregados. De provar que os nossos processos foram dos melhores, entre os dos países colonizadores, se encarregou o Almirante Almeida de Eça. Se é certo que não conseguiu obter conclusivamente o que pretendia, não é menos certo que a sua obra foi valiosíssima, pois que lançou as bases seguras a partir das quais se há-de estabelecer a verdade histórica sobre estes factos tão pouco aprofundados.

Uma vez destruídas as teses defendidas por Humboldt, não cessaram os ataques ao prestígio português. Novos problemas foram apresentados.

O primeiro refere-se ao descobrimento do Brasil; o segundo à utilização da ciência náutica astronómica pelos marinheiros do Infante; o terceiro pretende determinar qual o verdadeiro móbil dos descobrimentos Portugueses: materialidade ou espiritualidade.

Gago Coutinho demonstrou que os marinheiros

do Infante não navegavam ao acaso. Só eram enviados depois de profundo ensinamento ensinado na luta directa com os elementos oceânicos e nas aulas da arte de marear da Escola de Sagres.

Foi também o insigne Almirante que, com o espírito lógico que lhe era peculiar, demonstrou terem os Portugueses descoberto o Brasil antes de Álvares Cabral e talvez, até, antes de Colombo atingir S. Salvador.

Para terminar, falta-nos apresentar algumas considerações acerca do problema do objectivo superior dos Descobrimentos Portugueses.

Sobre o facto já vários Historiôgrafos Portugueses se pronunciaram. Destes, os que mais se distinguiram foram Joaquim Bensaúde e Jaime Cortesão. Do estudo das obras destes dois e de outros, podemos concluir que, se houve nas campanhas de Descobrimento e Colonização, espíritos gananciosos e brutais, também existiram, e são estes que nos interessam por representarem a verdadeira Alma Portuguesa, homens que, levados pelo desejo de vencer o Islão e eternizar o nome de Portugal, souberam actuar sempre como Portugueses, e este nome dispensa comentários.

João Alvaro C. da Cunha

Salão Distrital de Educação Estética

Em fins de Maio, esteve aberto ao público mais um Salão Distrital de Educação Estética, organizado pela M. P., em colaboração com a M. P. F.

Tivemos oportunidade de o visitar e apreciamos os artísticos trabalhos apresentados

DESPORTOS

Igreja

do Carmo

Futebol de Salão

Terminou a disputa do Campeonato de Futebol de Salão. A equipa do 4.º Ano conseguiu, merecidamente, conquistar o primeiro lugar da classificação.

Vamos dar os resultados dos jogos para, no fim, apresentarmos a lista dos melhores marcadores e fazermos breves comentários à actuação das equipas.

1.ª Volta

3.º Ciclo - 7 — 4.º Ano - 2.
5.º Ano - 5 — Magistério - 4.
3.º Ciclo - 3 — Magistério - 3.
5.º Ano - 3 — 4.º Ano - 5.
3.º Ciclo - 3 — 5.º Ano - 5.
Magistério - 1 — 4.º Ano - 3.

2.ª Volta

3.º Ciclo - 6 — 4.º Ano - 3.
5.º Ano - 4 — Magistério - 1.
3.º Ciclo - 5 — Magistério - 1.
5.º Ano - 0 — 4.º Ano - 4.
Magistério - 1 — 4.º Ano - 4.
3.º Ciclo - 1 — 5.º Ano - 2.

Como as equipas do 4.º e do 5.º Ano se encontrassem empatadas em pontos, recorreu-se a um jogo de desempate que terminou com novo empate (2 - 2).

No jogo final a vitória coube ao 4.º Ano que conseguiu o resultado de 7-2.

A equipa mais realizada foi a do 3.º Ciclo que marcou 25 golos. Esta equipa foi também a menos

batida, sofrendo 16 golos apenas. A equipa do Magistério foi a que mais golos sofreu, e a que menos marcou, 11 golos somente.

O melhor marcador foi Helder Porto com 10 golos. Seguem-se Honorato Furtado com 8, Emircio Valdemar e Carlos Garcia ambos com 7.

A classificação ficou assim estabelecida:

1.º - 4.º Ano — 8 pontos
2.º - 5.º Ano — 8 pontos
3.º - 3.º Ciclo — 7 pontos
4.º - Magistério — 1 ponto.

Como dissemos a vitória do 4.º Ano foi justa. Esta equipa foi a que apresentou elementos mais habilidosos, jogando um Futebol de Salão de bom nível. Toda a equipa agradeceu. No entanto, Honorato, Andrade e Gui foram os melhores. A equipa do 5.º Ano conseguiu qualificar-se em 2.º lugar.

Podemos dizer, no entanto, que conquistou aquele lugar com um pouco de sorte. Individualmente, nenhum dos seus jogadores se destacou. A equipa merece ser salientada pelo facto de jogar mais unida — atacar em conjunto e defender também em conjunto.

A equipa 3.ª classificada teve uma actuação irregular, conseguindo um excelente resultado frente ao 4.º Ano para, em seguida, empatar com o Magistério e perder com o 5.º Ano.

Dos seus jogadores destacamos C. Garcia, Emircio e Porto. Este último, se não abusasse tanto do jogo individual, teria sido melhor.

Finalmente, o Magistério foi o pior conjunto. Com uma defesa muito fraca e apoiando mal o ataque, os avançados conseguiram raramente rematar à baliza adversária. O guarda-redes esforçou-se por fazer o melhor possível mas não conseguiu conter o ímpeto dos avançados contrários. Salientamos Serpa, Gomes e Oliveira.

A terminar resta-nos felicitar a equipa vencedora (Henrique, Honorato, Andrade, G. Baptista, Rocha e J. Humberto) e a Secção Desportiva, pela boa organização deste campeonato.

O Centro Escolar n.º 1 da M. P., no cumprimento de um programa de actividades cuidadosamente elaborado, levou a efeito uma visita de estudo à Igreja do Carmo. Os filiados eram acompanhados pelos sr.ºs Dr. Tomás da Rosa e Padre Júlio da Rosa.

Depois de terem ouvido, com interesse, as explicações dadas pelo sr. Padre Júlio da Rosa, os rapazes da M. P. percorreram demoradamente aquele belo templo citadino e admiraram as obras de arte nele existentes.

O «Arauto» ao louvar mais esta feliz iniciativa da M. P., deseja a realização de mais visitas de estudo, que contribuam para elevar o nível cultural dos estudantes.

Acampamento da Páscoa

Este ano, como é hábito, realizou-se o Acampamento da Páscoa do nosso Centro.

O local escolhido para a montagem do acampamento foi o Capelo. No dia 20 de Março, dirigiram-se, para aquela freguesia, os primeiros filiados que iam encarregados de escolher o terreno e de montar as tendas. No dia 21 chegaram os restantes, ficando acampados vinte filiados. Estes rapazes tiveram oportunidade de durante cerca de uma semana estarem em contacto directo com a natureza e de organizarem alguns passeios a pé pelas imediações, de praticarem algumas actividades campistas e desportos e ainda de fazerem uma visita às Termas do Varadouro.

O tempo, que na época da Páscoa, costuma estar aqui geralmente mau, quebrou a tradição para nos proporcionar oito dias de bom tempo e, por vezes, de Sol.

O acampamento foi da maior utilidade para os que nele tomaram parte e tudo leva a crer que, nos próximos anos tenha a presença de um maior número de filiados da M. P.

Pensamento

Da Agenda da M. P.

«A Mocidade Portuguesa tem de ser uma casa de paredes de cristal; tudo o que se passa nos seus centros há-de poder ser visto de todos os lados por qualquer pessoa».

Metodologia das Ciências Físico-Químicas

Excertos do trabalho da aluna do 7.º Ano - F

Maria Helena Pinto Azevedo

As Ciências Físico-Químicas têm por finalidade o estudo dos acontecimentos não que provocam alteração íntima e profunda na substância dos corpos — fenómenos físicos — e daqueles que, pelo contrário, modificam a natureza íntima dos mesmos, como combustões, reacções químicas, etc. fenómenos químicos. Quando, por exemplo, tiramos uma acendalha da respectiva caixa, temos um fenómeno físico; quando a acendemos, temos um fenómeno químico.

Mas o interesse fundamental destas ciências consiste em determinar as causas dos fenómenos. É que, na posse do fenómeno «causa» que provoca o fenómeno «efeito», estamos aptos a renová-los se uns deram resultados úteis, ou evitá-los se não nos interessam.

Como ciências experimentais, que partem da observação dos fenómenos para a descoberta das leis, usam predominantemente o método indutivo, que aplicado a estas ciências têm o nome do Método de Observação Experimental. Método bastante complexo, que apresenta uma série de processos, servindo-se fundamentalmente as Físico-Químicas dos seguintes: observação, hipótese, experimentação e indução ou lei.

A observação é o estudo dos fenómenos tais como se apresentam naturalmente. É a concentração do espírito sobre um determinado facto para o explicar mediante a descoberta da sua causa e da sua lei.

Uma vez terminada a observação, formula-se a hipótese. A hipótese é, portanto, a explicação provisória dum facto observado.

Nas ciências mais avançadas, a hipótese deduz-se, por vezes, de certas proposições que aparecem como

pontos de partida, como começo e que se chamam princípios e das teorias que são hipóteses gerais.

A hipótese é uma explicação provisória, mas é preciso uma explicação científica: «Explicar, é, diz-se muitas vezes, conhecer a causa» (Goblot, «Sistema das Ciências»).

Para tal procede-se então à experimentação enunciando a hipótese.

Tanto a observação como a experimentação estudam o fenómeno mas o modo como se dá o seu aparecimento é que é diferente: na observação dá-se sem que para tal intervenha a vontade do observador, é espontâneo, natural; na experimentação o aparecimento é provocado. A respeito, dizia o célebre paleontólogo francês Cuvier: «O observador estuda a Natureza ao passo que o experimentador interroga e obriga-a a desvendar-se».

Feita a experiência, é preciso determinar as relações de causalidade entre os fenómenos, saber qual a causa dum fenómeno que se observou. Bacon dizia que «saber verdadeiramente é saber pelas causas». Para se encontrar a causa dum fenómeno, têm sido apresentados diversos processos de experimentação, entra os quais, ocupam lugar de relevo o de Francis Bacon e o de John Stuart Mill.

Bacon investiga as relações entre os fenómenos para determinar as leis, mediante três tábuas, que constituem o seu método chamado método de concordância constante.

Estas tábuas eram simples registos das experiências e não métodos propriamente ditos: deviam servir para sugerir hipóteses e não para as provar.

Dado este inconveniente Stuart Mill aponta

quatro métodos, que no seu conjunto formam o método de concordância solitária, e que são: o método da concordância, o método da diferença, o método dos resíduos e o método das variações concomitantes.

O método das variações concomitantes correlativas ou proporcionais é o mais seguro, pois permite considerar os fenómenos naturais, como sendo função uns de outros e exprimir as leis experimentais sob a forma matemática. É graças a ele que se opera «a substituição da ideia de função, pela ideia de causa» característica, segundo Recouvier, da física moderna.

Nenhum destes métodos confere à indução uma certeza absoluta. Mas o método das variações concomitantes permite estabelecer correlações, que se verificam até na exactidão dos algarismos, e que não podem ser consideradas como coincidências fortuitas, mas sim sustentadas pelas leis da natureza. Contudo, estas relações devem ser pouco seguras, desde que as entendamos, para lá dos limites, entre as quais, as temos experimentado.

O estudo dos métodos indutivos mostram-nos como se prova uma lei, mas é preciso examinar o valor destas provas, papel que cabe à indução.

O princípio da indução pode enunciar-se assim: «tudo tem a sua causa, e nas mesmas condições a mesma causa é seguida do mesmo efeito». É o princípio da causalidade.

O princípio de causalidade, escreveu Helmholtz, não é outra coisa senão a suposição que todos os fenómenos da natureza estão submetidos às leis (Meyerson. «Identidade e Realidade»).

Se com efeito, nos lembrarmos que a noção de causa, na medida em que

ela tem lugar na ciência, se reduz à de lei, seremos conduzidos a enunciar indiferentemente o princípio da indução, que se torna então no princípio do determinismo. «A indução escreveu M. Goblot, supõe um duplo princípio: 1.º A ordem da natureza é constante e as leis não sofrem excepção; 2.º A ordem da natureza é universal, e não há factos nem pedaços de factos que não sejam regidos por leis. Este duplo princípio é o determinismo». (Goblot, in op. cit.).

Este princípio constitui um dos elementos essenciais do espírito científico. É ainda um mérito de Claude Bernard o de o ter proclamado: o princípio das ciências experimentais é «o determinismo dos fenómenos, que é absoluto tanto nos fenómenos dos corpos vivos como nos dos corpos mortos».

É a crença no determinismo que nos leva a formular as leis, que culminam o método experimental, devidamente adaptado às ciências Físico-Químicas.

CURSO

de Chefes de Quina

Frequentaram, com aproveitamento, o Curso de Chefes de Quina do nosso Centro os seguintes filia-

dos:

Muito aptos:

1.º — Manuel José de

Paiva Lima

2.º — Áureo Fernando

Castro Goulart

3.º — Herberto Pacheco

de Faria;

Aptos:

4.º — António Luciano

da Silveira

5.º — Luis Carlos Decq

Mota

6.º — Tomás Manuel

7.º — António Rodrigues

Marques.

UM RECANTO

do Cabeço dos Teixos

Havia já bastante tempo que seguíamos pela Estrada Longitudinal do Pico. O pavimento bastante irregular obrigava a camioneta a seguir vagarosamente e aos solavancos. Ora, era natural que a lentidão do veículo provocasse em nós um certo aborrecimento. No entanto, isso não se verificava. A beleza da paisagem encantava-nos e nem nos dava oportunidade de pensarmos no meio de transporte em que seguíamos e, assim, toda a nossa atenção convergia para os campos que ladeavam a estrada.

A certa altura, faz-se nova paragem. Julgando ser mais uma como as várias que tínhamos feito para os «fotógrafos» do grupo fixarem a silhueta da montanha do Pico, ali tão próximo, quase nos dispunhamos a sair da camioneta, quando somos informados de que, por aqueles sítios, há algo digno de ser visto.

Saimos e a Norte da estrada surge-nos um pequeno atalho que, por entre a relva fresca de uma pastagem, nos leva até à base de um cabeço. Desenrolam-se os mapas, e, os mais versados em assuntos geográficos, chegam à conclusão de que se trata do Cabeço dos Teixos. Subimos pelo lado Leste do monte e olhamos embevecidos a paisagem que se nos depara: de um lado, uma bela vista do «Planalto», de outro, o Pico imponente e, do lado contrário a este, o mar serve de fundo ao verde da vegetação.

Depois de uma curta demora passamos ao lado que fica para Oeste. Para tal, temos de atravessar uma pequena mata, em que predominam os cedros, que perfumam o ar com a sua fragrância agradável.

Se, do outro lado do monte, se deparara com

uma vista deslumbrante, a que agora temos oportunidade de disfrutar não é menos admirável. Em baixo vemos um pequeno charco, em cuja água as rãs se refugiam ao aperceberem-se da nossa aproximação, rodeado de urzes que buscam o seu precioso líquido.

A' medida que, na encosta que sobe em socacos, vai aumentando a altura, a vegetação vai-se tornando menos e menos verde até se apresentar amarelada, no cimo.

Vamos descendo e agradando-nos pisar o chão coberto por um suave tapete de moitas de uma planta, a que os Picoenses chamam «queiro».

Ao chegarmos próximo do charco, ficamos encantados com a graciosidade e a singeleza daquele recanto. Ao fundo, o Pico, disforme e completamente despido de vegetação, obriga-nos a atentar na sua grandiosidade. E' maravilhoso o contraste existente entre a graça daquele recanto perdido no centro da ilha vizinha e a majestade da montanha.

J. Aica

Anedota da última hora

No 3.º Ano-A

O professor, a propósito, estava dizendo que certo país enriquecera em parte devido à exploração da prata, do petróleo, do ferro e de outros produtos em países mais atrasados.

A Alfredina: — então é preciso cuidado. Não venham *eles* qualquer dia assaltar o Liceu.

—Porquê?

—Porque há cá muito chumbo.

Resumo das Actividades

do Centro Escolar n.º 1

Visitas de Estudo:

—Ao Castelo de Santa Cruz.

—A' Espalamaca e outros pontos de interesse didáctico.

—A' Igreja do Carmo.

—Ao Pico (Furna de Frei Matias, Cabeço dos Teixos, Lagoa do Capitão, Convento e Igreja de S. Francisco no Cais do Pico, Igreja de Santo António, Arcos do Cachorro e Quinta das Rosas).

Sessões Culturais:

—No 1.º de Dezembro.

—Em Março, em homenagem ao Beato Nuno Álvares.

—Em Abril, só para filiados.

—Planeada — uma sessão no dia 10 de Junho.

Torneio de Xadrez

—Participação de filiados nos concursos literários e no Salão de Educação Estética da Delegação Distrital. Publicação de três números do «Arauto».

Competições desportivas.

Acampamento da Páscoa. Curso de Chefes de Quina.

Além destas actividades, realizou-se, regularmente, a Instrução habitual.

Publicações

recebidas

Com uma regularidade admirável, tem chegado até nós o jornal «O Dever», que se publica nas Lajes do Pico, sob a competente direcção do sr. P.º Xavier Madruga.

Temos recebido também alguns números dos seguintes periódicos: «Vida», da Horta; «Talha - Mar», «Mocidade», «Alvorada», «Alvorecer», «Amanhã», «Despertar» e «Olá Amigo» e «Vida Académica», — todos editados por diversos organismos da M.P.

Os nossos agradecimentos.

Do Nosso Liceu

—No mês de Abril, no ginásio do nosso Liceu, assistimos a um espectáculo verdadeiramente agradável.

Trata-se de um espectáculo oferecido pelo Fayal Sport Club e pelo apreciado conjunto musical «Sem Rei Nem Roque» que apresentaram alguns números da revista «Não Faça Ruídos».

Esta sessão teve um especial interesse para nós, por nela se apresentarem alguns alunos e alunas do nosso Liceu: Rosalina Ma-

ria, Marília la Cerda, Maria Luisa e o trio «três Raposas» (Rui Simões, Alberto Borges e Tomás Alberto).

No final, o Sr. Dr. Madruga, Vice-Reitor deste Estabelecimento de Ensino, agradeceu, em nome de todos os alunos, a amabilidade dispensada.

—No dia 24 de Maio, no Ginásio do Liceu, o sr. Dr. Cândido de Freitas, professor do 4.º grupo, proferiu uma esclarecida palestra versando assuntos relacionados com o Ultramar.

A Visita de Estudo ao Pico

(Conclusão da pág. 7)

mos novamente a caminho, fazendo rumo a L., ou seja o percurso que liga a estrada longitudinal da Madalena com a transversal da Silveira - Cais do Pico. O tempo começou a melhorar, a ponto de, quando passámos precisamente junto ao Pico, o Sol já irradiava os seus raios. O Pico estava aqui deveras tentador. Descoberto por vezes totalmente, tão perto de nós estava, que não lhe resistimos a tirar algumas fotografias.

Proseguimos novamente a nossa viagem. Decorridos uns Kms, parámos para subirmos o cabeço dos Teixos. Eu e o Humberto Amaral, ficámos a meio do cabeço, a ver os outros subir. Aqui estava um sol e um calor, que chegámos mesmo a desabotoar a camisa.

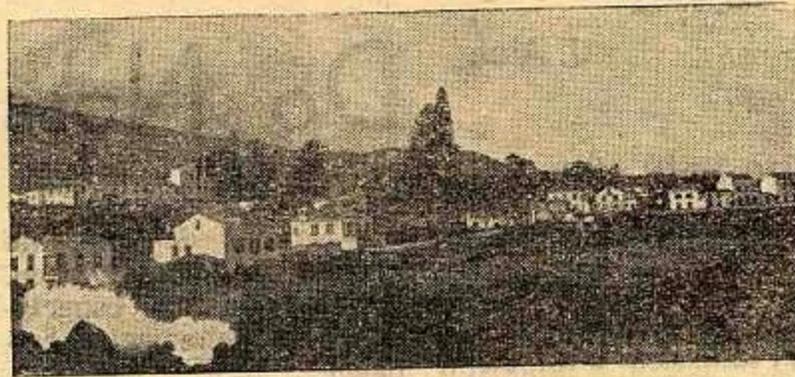
Como eu e o Amaral não tivéssemos «pachorra» para subir o cabeço, voltámos para a camioneta. Comemos qualquer coisa, e ficámos à espera que os colegas regressassem da sua visita. Aqui conversámos com um pastor de S. Roque, que nos deu algumas informações acerca dos nomes de certos cabeços, que nos mapas, que nós levávamos, não tinham os nomes. Depois da chegada dos colegas e da contagem de «cabeças», para ver se estavam todos, passámos novamente à frente.

Por essas 11,30 horas apeávamo-nos novamente, com os nossos farnéis, para irmos almoçar na lagoa do Capitão. Depois de 10 a 15 minutos de andamento, chegámos à lagoa, que foi deveras apreciada por todos os componentes da excursão. Ficaram tão absorvidos pelo quadro, que muitos deles pensaram ir acampar naquele lugar no Verão. Verdadeiramente a paisagem era bela. O Sol

que então nunca mais nos havia deixado, irradiava os seus continuos raios. O Pico tão perto de nós, a lagoa com a sua enorme extensão de águas límpidas, os três gansos e umas dezenas de ganhoas que lá estavam davam-nos uma vista deveras agradável.

Depois de escolhido o melhor local, almoçámos. Almoçados, subimos o cabeço que margina a lagoa, e vimos uma nova vista: a freguesia de Santo António, o Cais do Pico, e além, o mar com o seu límpido horizonte. Aqui tirámos novas fotografias, de maneira que nos apanhasse conjuntamente com o Pico e a lagoa. E assim aos 15 para as 13 horas, punhamo-nos de novo em marcha, com rumo ao Corre-Agua.

Deixámos a estrada longitudinal e passámos à estrada transversal. Ao chegarmos ao local indicado, parámos para admirarmos a paisagem. Mas, como aqui o nevoeiro se tornou novamente denso, não saímos da camioneta, para subirmos o cabeço. Mas um pouco mais à frente, a neblina começou a dissipar-se e pudemos apreciar,



ASPECTO DO CAIS DO PICO

mesmo da camioneta, maravilhosas vistas. O Porto saiu e chegou a tirar algumas fotografias à paisagem, que agora estava totalmente descoberta.

Mais uma vez retomámos a nossa viagem, onde agora se notava uma vegetação «mimososa». Apreciá-

mos as grandes matas de S. Miguel Arcanjo, e finalmente chegámos à estrada marginal.

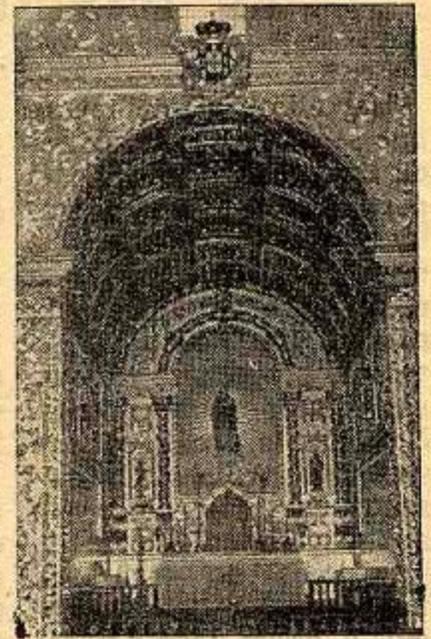
Dirigimo-nos para S. Roque e, às 13 horas, lá estávamos. Tencionávamos fazer uma visita de estudo à Igreja para vermos sobretudo a sua artística estante, mas como estavam naquela altura à Missa, voltámos novamente para o Cais.

Fomos visitar o Convento de S. Francisco, onde o Sr. Dr. Tomás da Rosa nos deu, num breve resumo, a história daquele convento. Visitámos a Igreja, e gostámos de apreciar os azulejos e a sacristia, pois é muito semelhante à da Igreja de S. Francisco de cá. O Crucifixo adornado em marfim foi uma das coisas que bastante apreciámos, bem como o artístico mobiliário.

Às 14,30 horas a excursão partia do Cais do Pico para Santo António.

Fomos visitar a Igreja, apreciámos a talha do Altar Mor, o estilo barroco dos ornamentos do altar e seguimos para o Cachorro.

O mar aqui estava bravo, o que ainda mais realçou esta vista vulcânica:



Altar-mor da Matriz da Madalena

saltava e respingava pelos ares numa apreciável altura. Era deveras um quadro agradável, o que levou a excursão a se demorar aqui bastante tempo; só quando eram 4 horas é que estávamos novamente a caminho.

Às 16,15 horas estávamos mais uma vez em marcha com direcção à «Quinta das Rosas».

E por último, às 17 horas, chegávamos à Madalena. Aqui fomos visitar a Igreja, onde são de uma beleza invulgar o Altar Mor e os azulejos.

Às 18,30 horas, tomávamos a lancha afretada por conta da M. P., com destino ao Faial.

Às 19 horas, chegámos à Horta, contentes e satisfeitos de termos passado um dia totalmente alegre e divertido, e pedagogicamente proveitoso com três preleções e muitas observações educativas. Agradecemos a confraternização dispensada pelo nosso Director de Centro, Sr. Dr. Tomás da Rosa, e Professor Sr. Dr. Lucas que deram um cunho característico à alegria da «malta» e compreenderam o que é a juventude.

Reportagem de Manuel Avelino

São assim os Estudantes

Polícia de Para variar

Investigação da Malta

«COMUNICADO»

Esta competente policia continua, através dos seus agentes secretos, a procurar os responsáveis pelo assalto a este Liceu. E' intenção das autoridades da Malta punir, com o mais severo castigo, todos os sujeitos que participaram nesses feitos. Estender papel no chão, pôr os relógios a andar a toda a velocidade, privar-nos de uma boa sineta e prejudicar alguém com o roubo da máquina de barbear, é coisa que não se faz. Con certeza andam «Teddy-boys» no caso. Mas, para esses «estoirados» (em Portugal diz-se assim), a nossa policia tem uma maneira especial de os apanhar, até porque já lhes conhece as manhas.

Incorrigível

Uma loira continua a dar espetáculo pelas ruas da cidade, quando anda acompanhada pelo seu «Bau-bau».

Ainda há dias, na rua do Arco e à porta de uma garagem lá existente, presenciámos ou melhor, avistámos uma cena 100% realista. Tratava-se de uma despedida, mas os actores estavam a representar tão bem que quase nos comovemos. Até parecia que nunca mais se tornariam a ver.

O público faia lense, não habituado a esses espectáculos, tem protestado contra a sua representação, mas a protagonista continua incorrigível.

Regente Agrícola

Segundo se anunciou, uma menina do 3.º Ano, a N., resolveu tirar o curso de regente agrícola. Ela disse-nos, em segredo, que procedia assim, porque gostava muito de ir à caça.

Depois de umas férias passadas em S. Miguel e de uma curta passagem pela Escola do Magistério, o P. L. anda à procura de uma miúda capaz de lhe ajudar a passar o tempo.

Sim senhor! O P. L. é um daqueles que gostam de mudar de ambiente com frequência.

Desgosto

Dizem para ai as más línguas que a H. sofreu há tempos um grande desgosto.

to.

Ao que parece, o seu «Fidel de Castro» resolveu dar 2\$00 ao barbeiro.

E ela que gostava tanto daquelas barbas...

verdade, a habilidade do conjunto.

AVENIDA

A Avenida Marginal continua a registar grande afluência de pares. Pelo menos, uma meia dúzia deles se senta todas as tardes. Enquanto uns, cheios de romantismo, olham para o mar, outros passeiam «à americana». Já no último jornal lançámos um apelo, tomem cautela! Namorar «à americana» dá sempre barraca!

Espectáculos

Gostámos muito do espectáculo «Não faças ruidos» que o Faial Sport ofereceu aos alunos deste Liceu. Apreciámos todos os números do programa e em especial o trio «3 chumbos», que se portou à altura de componentes da Malta. Admirámos, na

A Visita de Estudo ao Pico

(Conclusão da pag. 1)

Matias». Como a estrada era íngreme, a viagem foi lenta; mas aqui e além desfrutávamos alguns panoramas e curiosidades, como o de dois bovinos, que se encontravam no meio da estrada em que seguíamos, e vendo, que iam na sua direcção, ainda correram à nossa frente umas boas dezenas de metros. Isto para a «malta» foi um sucesso, pois tudo fazia algazarra. E' preciso não esquecer que levávamos um bom conjunto de tocadores de harmonia, assim constituído: Costa Nunes, Romão e Lucas que, entoando músicas modernas e antigas, ajudaram a alegrar ainda mais o ambiente.

Às 9,30 horas estávamos na furna «Frei Matias». Aqui fazia frio e um nevoeiro bastante cerrado, mas, como o nosso interesse era ver a furna, nada nos prejudicou. Apanhámos uma decepção, pois como já sabíamos, a furna no seu interior é totalmente escura, e só pode ser

vista com focos ou lanternas, e estes aparelhos ficaram atrás, por esquecimento. Mas enfim, com a ajuda de alguns fósforos e o acendedor a gás do Paiva Lima, conseguimos ver a galeria que dá para o N. Na do S., como corria vento, não conseguimos acender os nossos meios de iluminação. Mas, a de maior interesse vimo-la: as estalactites a penderem do tecto, os pingos de água que, tanto no Inverno como no Verão são constantes, os fetos verdejantes.

Enfim, tudo aquilo reunido dava um colorido deveras agradável e digno de ser visto. Depois de tirarmos algumas fotografias, o Sr. Dr. Lucas, em poucas palavras, deu-nos algumas informações acerca da formação daquela gruta, baseando-se em dados científicos. Apreciámos as suas palavras, que mostraram uma profunda competência em assuntos daquela natureza.

A' 10,15 horas estáva-

(Conclui na pag. 6)



Furna de Frei Matias

-- São assim os Estudantes --

Cinema nos "Normais"

Todos os dias à tarde se realizam sessões da película que vem alcançando assinalado êxito nesta cidade

«O Barco Maldito»

— C O M —

EDDIE CONSTANTINE

A história é simplesmente esta:

Um barco que vem, deixa saudades e se afasta num mar de ódio. Ela desempenha papel formidável e tudo leva a crer que dela se possa fazer uma grande «Star».

(Para Adultos, por causa do grande realismo)

Consta que...

...O M. S., ultimamente, tem andado muito de «Mota».

...O L. b. s. a. é o novo sinaleiro do canto do «Amor da Pátria».

...O Avelino continua á engorda (segundo nos disseram, já passou dos 100 quilos...)

...uma das quintanistas se «licenciou» em Económicas e Financeiras e que uma outra quer ir até às Flores.

...o V. reabriu a sua ouriversaria.

...o Lucas mudou de rumo.

...o Paiva está «viúvo» e anda à procura de «emprego».

...o Tomás e o Simões continuam na mesma.

...o V. Brum se esforçou tudo o que pôde, mas que não conseguiu alcançar os seus objectivos.

...O J. Roches veio de «motocicleta» (isto é «Mota» mais pequena) da Feira até perto do «Amor da Pátria».

Modernismo

Não há muito tempo, ao passarmos pelas imediações de «O Telégrafo», vimos uma menina, toda compenetrada e tomando as atitudes mais convenientes, a fumar. Depois de efectuarmos algumas investigações, apurámos simplesmente isto: é quartanista e o seu nome começa por A. M.

Se ela soubesse a figura que estava a fazer, engasgada com o fumo, numa inépcia extravagante, nunca mais fazia tal.

E' tão moderno... fica tão bem...

Boa notícia

Acaba de nos chegar ao conhecimento, que o Mário saiu do ovo. Partiu-se a casca e ele já anda por aí a passos de General. Não julgávamos que ele andasse logo como General, sem passar por soldado raso.

Regresso

Por notícia chegada à nossa Redacção, soubemos que, num dos barcos da Insulana, chegava à Horta a antiga «miúda» de um dos nossos Redactores, o Soares.

Segundo nos informaram, essa menina tinha ido para o Continente a fim de prosseguir os seus estudos. Mas quer-nos parecer que ela se tinha afastado por motivos sentimentais.

Por isso, dirigimo-nos ao cais para colhermos algumas informações sobre o «caso».

A nossa entrevistada mostrou-se bem disposta e satisfeita por regressar ao convívio dos antigos colegas.

Ao falarmos numa possível reconciliação, ela confidenciou-nos:

— Não penso reatar o meu antigo «idílio» a não ser que ele aumente de velocidade. Eu por mim continuo a «setenta à hora» e não abrando. Se ele não se torna mais rápido, continuo intransigível com o meu «Não! Não! Não!»

E nós, assustados com tamanha decisão, lá nos retirámos, desejando uma feliz solução para o «caso».

«Vamos ao Restaurante, pá!»

Decerto os leitores já repararam na frequência que tem o restaurante ali para os lados de «O Telégrafo». A cidade necessitava de qualquer coisa mais moderna, e ela chegou. É verdade, vieram afinal as meninas de café, as «flau...» e ei-las todas as tardes, acompanhadas com alguns meninos a tomar o seu «garoto» e um «cachorrinho quente». Visitem o restaurante e certamente vão gostar, pois aquilo é muito «giro».

Na aula de Português

6.º Ano

O professor (acabando de ler um texto):

— Quem percebeu?

Silêncio geral.

A Lidia resolve responder acertadamente. Então a Terezinha declara logo a seguir:

— Eu também sabia, sr. Doutor!

— Então por que não disse?

— «Tava» inquieta...

???

— Qual o sextanista que tem mais mania pelas queixas ao tribunal?

— Por que razão a A. Ekberg nunca anda, nem de mota, nem de automóvel?

— Qual a aula do Liceu mais «esperta» deste ano lectivo?

Novo e Sensacional Engate

Certa vedeta do nosso Liceu, uma Rosa do tipo Lina, que todos conhecem, acaba de se estrear com um «bau-bau» agora mesmo importado. Ela está muito apaixonada por ele e declara que não quer outro. Um dia, pareceu-nos que ela ia fazer o armistício com o H., mas agora vemos que o mandou para trás da baliza defender o «penalty».

EM FRENTE!

Não é nosso hábito publicar notícias muito atrasadas, mas a verdade é que ficam algumas por publicar e que o merecem. Este é o caso do M. A. do 6.º f), que nunca teve a menor referência à sua acção, neste jornal. Deve dizer-se que se tem portado muito bem, mas pode ser contrariado pela cunhada. Até por uma questão de «vingança», percebem?

(Conclui na pág. 2)